

Desenhista de tematica multipla

Inegavelmente, Wesley Duke Lee, que expõe na Galeria Sistina, é um desenhista. Somam-se-lhe, depois, outras qualidades, de presença e de intenções, que vão do lirismo mais dosado a uma agressividade aguda, quase sempre, porém, inteligente, no mais das vezes informada a todos os extremos. Uma posição intelectual dominando assim o grafico acabaria por se confinar nos limites do "humour", que é necessario colocar em toda a acepção britânica que, literalmente, lhe corresponde.

Ficará, por isso, difícil, falar dos melhores momentos do artista — são indiscutíveis as suas qualidades graficas, repetimos, seja na "Visão otimista do invasor" em que a denominação tensa explora o contraditório com uma acidez anavalhante, seja no "O terrível dragão de rodas", um dos mais completos desenhos do catalogo, bem escolhido para ilustrar também o cartaz mas sem o rendimento que o original fornece. É claro que a experiencia do discípulo de Plattner briga às vezes com o desenhista consumado. Nem o deformador expressionista do tragico comentario colorido pode nos convencer mais do que o desenhista puro, simples e humilde, diante do modelo da mulher deitada (desenho n.º 42-1961), desenho que conserva um leve resíduo de precioso, mas que revela na procura da mancha dessa cabeleira caída um efeito que tem sua maior função significante, poetica e plastica, no conjunto.

Wesley Duke Lee não nos oferece um conjunto mas partes de alguns conjuntos, que são respeitáveis, na maioria dos casos, principalmente quando o grafico insiste em determinar, em tornar explicita a sua presença, tantas vezes conciliada á presença do humorista. Compreendemos que na idade da experiencia em que está, ele incorra muitas vezes no preconceito literario, deixando-se apanhar por intenções de evidente illicita preferencia, para os meios de que se utiliza. Mas defendemos a validade de ardente pesquisa, mesmo em exemplos isolados, mesmo em vivas fulgurações de posição polemica, como é indiscutível na "Maquina americana para identificar valores" (colage, costuras, aquarelas — 1960), ou na triste e ironica imagem verificadora: "Trincheira muito antiga" (desenho — 1960).

A coragem ou o "aplomb" com que uma erudição — quase um contraponto grafico a uma antologia dos recursos livrescos de um Pound — aqui se faz presente, traz-nos mais viva a roupagem maculada de preciosismos barrocos do jovem artista. Mas, o que predominará?

Esta é a primeira exposição individual de Wesley Duke Lee. Se há tanto nele de perplexidade superada, devemos acreditar que ele possa ir além e manter-se como um artista, dominador como se mostra das artes do desenho, cuja analise nos levaria muito longe, dada a sua como que espantosa versatilidade, que se desmente pela raiz comum donde deriva.

AO "ESTADO"

Solicitamos aos nossos Agentes, Anunciantes e Assinantes observem que os pagamentos em cheque, ordem de pagamento, vale postal etc., destinados a este jornal, devem ser feitos a favor de S.A. O ESTADO DE S. PAULO.

Palavra de pintor

Se poetas pintam ou desenham, também pintores fazem poemas. Já comentei com emoção poemas de Maria Leontina, de Bonadei e outros. Havia sempre neles algo diferente, estranho, que um profissional da literatura talvez não ousasse escrever. Creio que eles pensam de nossa pintura mais ou menos o mesmo.

Agora, para o catalogo de sua exposição no Rio, Flexor foi instado a escrever ele proprio as razões de ser de suas aquarelas. E o que escreveu deu um poema que de bom grado transcrevo aqui: (infelizmente sem obedecer á disposição tipografica que para ele inventou e o valorizou grandemente):

Foi no principio
para guardar as recordações
[dos devaneios fugazes
recordações
que não se dizem
que não se ouvem
que não se tocam
mas que são presenças visíveis
nas aguadas coloridas
nas cores aguadas
nas opacidades
e nas transparencias
no papel enobrecido
e promovido a luz
Assim nasceu o universo si-

lencioso de minhas aquarelas
Hoje
não é mais um meio
mas uma finalidade em si
não são mais recordações
mas sim uma realidade
um ser
o milagre de andar na superfície das aguas
sem afundar...

Não penso que haja muito escritor capaz de se exprimir com igual leveza e dizer o que cabe ser dito. Agora também recomendo as aquarelas pois que como leveza, transparencia, gratuidade têm por vezes soluções de Mozart, de uma admirável inocencia.

E vamos parodiar o poeta francês:

Se todos os poetas do mundo, se todos os artistas do mundo pudessem dar as mãos, fariamos uma ronda em volta do mundo e haveria sempre uma solução. E' na linguagem dos poetas que cumpre falar, e não na linguagem dos teóricos. Teorias, teorias, a que crimes já nos levastes! Tudo está no "milagre de andar á superfície das aguas sem afundar: o resto é pedantismo e afunda mesmo, e sempre.

Sergio Milliet

ESTADO
PS.10
9/5/61
GERALDO FERREAZ

